

Affluence and Freedom: An Environmental History of Political Ideas, de
Pierre Charbonnier

*Klaus Ramalho von Behr¹ 

CHARBONNIER, Pierre. *Affluence and Freedom: An Environmental History of Political Ideas*. Trad. de Andrew Brown. Cambridge: Polity Press, 2021. 328 p.

Para alguém que passou os últimos anos tentando entender a política antiambiental do governo Bolsonaro, o livro de Pierre Charbonnier pode ser muito útil. Isto porque a obra tem como objetivo principal apresentar como a crise ambiental-climática nos coloca em um novo contexto de transformações históricas de grandes proporções – e nos permite refletir sobre como Trump e Bolsonaro estão inseridos nesse novo contexto. A mensagem central que fica é a de que toda transição energética traz, necessariamente, uma transição do pensamento político.

Abundância e liberdade, do filósofo Charbonnier, atualmente professor da Sciences Po de Paris, foi publicado na França em 2020. A obra em questão tem viés mais acadêmico, dentro da área de ecologia política, com uma linguagem talvez um pouco hermética, mas veicula um conteúdo denso e valioso.

O ponto de partida de Charbonnier é a constatação de que as mudanças climáticas colocam em xeque todo um arcabouço teórico e político do qual somos herdeiros. Ele sustenta que é impossível compreender o século XXI se não colocarmos no centro da reflexão a crise ambiental-climática. O objetivo central do livro é o “de contribuir para a politização do problema ecológico e, de forma mais ampla, para a construção de uma reflexão coletiva sobre o que está acontecendo com o paradigma moderno do progresso” (Charbonnier, 2021, p. 5). Nesse sentido, Charbonnier lança sua hipótese principal: “abundância e liberdade por muito tempo andaram de mãos dadas [...], mas essa aliança e a trajetória histórica que ela desenha esbarram hoje num impasse. [...] O imperativo teórico e político do presente consiste, portanto, em reinventar a liberdade na era da crise climática, ou seja, no Antropoceno” (Charbonnier, 2021, p. 11).

Portanto, gostaria de chamar a atenção para dois pontos que dão justamente o título do livro: (1) sua interpretação de desenvolvimento moderno a partir de uma noção de pacto que vincula abundância e liberdade; e (2) a proposição de uma nova abordagem teórico-metodológica chamada “história ambiental das ideias políticas”, que tem como objetivo principal compreender como esse pacto se constituiu historicamente.

¹ Universidade de Brasília, Centro de Desenvolvimento Sustentável, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável (PPG-CDS/UnB, Brasília, DF, Brasil). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8609-3372>.

A interpretação de Charbonnier é a de que a crise ambiental e política pode ser resumida a um arranjo que não se sustenta mais. Este arranjo é o vínculo entre dois ideais que ganharam proeminência na modernidade: o ideal de abundância e o ideal de autonomia. O ideal de abundância “inaugura uma nova temporalidade e confere aos tempos modernos um de seus motores mais duradouros e uma de suas justificativas mais poderosas” (Charbonnier, 2021, p. 23). Este ideal está fortemente relacionado com a descoberta de um novo continente pelos europeus e a abundância de um maciço de terra aparentemente “infinito” – pronto para ser conquistado e aprimorado.

Com a descoberta da América pelos europeus, inicia-se uma nova imaginação social que rompe com o paradigma pretérito – paradigma este pautado pela ideia de que a pobreza é natural, a escassez é perpétua e as necessidades são constantes. Na modernidade, por outro lado, há um novo horizonte de expectativas no qual a abundância poderia levar à libertação das necessidades que humilham os corpos. Entretanto, o conceito de abundância moderna para o qual Charbonnier busca chamar a atenção não se limita à noção de libertação das necessidades (Keynes), nem à racionalidade econômica que organiza a sociedade (Weber), e nem à organização política que separa as classes entre proprietários e não proprietários (Marx). Para Charbonnier (2021, p. 25), trata-se de compreender a abundância como um ideal da modernidade que está inscrito dentro de outro ideal, o ideal da autonomia: “A aspiração à abundância está com efeito encravada em uma racionalidade política sem a qual é incompreensível, tanto em seus sucessos como em seus impasses. Essa racionalidade política, o segundo ideal norteador da modernidade, chama-se autonomia”.

A gênese do ideal moderno de autonomia começa a surgir a partir de alguns eventos: a urbanização das pequenas vilas, o renascimento de uma filosofia cética, a clivagem entre uma nova classe burguesa e uma aristocracia medieval, da separação gradual entre poder temporal e poder religioso e, enfim, a crítica iluminista contra a arbitrariedade do poder e a afirmação de um novo pacto social. Assim nasceu o projeto moderno de autonomia, termo que nos remete tanto à noção de liberdade individual quanto à noção de emancipação por direitos. Trata-se, portanto, de uma orientação histórica na qual o povo busca corrigir continuamente seus princípios institucionais com o intuito de responder o mais adequadamente possível à sua própria historicidade. Em resumo, é um ideal que busca “contestar as autoridades arbitrárias e confiar ao povo reunido o poder de impor suas próprias regras, de segurar o leme da história e de realizar a liberdade dos iguais” (Charbonnier, 2021, p. 10).

Charbonnier nos lembra que “propriedade” e “segurança” eram termos que estavam do mesmo lado de “liberdade” na Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão de 1789. Lembra também que grande parte da atratividade de um regime republicano e democrático dependeu da promessa tangível de crescimento econômico e fim da pobreza. Portanto, a partir da junção do ideal da abundância com o ideal da autonomia, a promessa da modernidade (de que o futuro será melhor do que o passado) começa a ganhar as mentes e os corações dos cidadãos.

Após um primeiro capítulo introdutório, o trecho do Capítulo 2 ao Capítulo 8 é dedicado à reconstrução do pacto moderno entre liberdade-abundância e como este se forjou de modos distintos dentro do liberalismo e do socialismo – e como os pensadores dessas duas correntes foram influenciados pelas descobertas de novas fontes energéticas. No trecho do Capítulo 9 ao 11 o autor faz uma leitura crítica deste pacto, crítica esta que podemos resumir de duas formas.

Em primeiro lugar, Charbonnier nos mostra como o pacto moderno oferecia uma louvável promessa de justiça social e participação política, porém uma promessa restrita para um tipo ideal de cidadão moderno, não para todos e todas. O autodenominado cidadão moderno concebia a autonomia como a ultrapassagem das restrições naturais – e da transferência dessas restrições para a conta dos não humanos (a natureza) e dos não modernos (residentes no Sul Global). Ou seja, o pacto moderno prometia a abundância e a autonomia para alguns e a heteronomia para outros.

Em segundo lugar, há um paradoxo interno ao próprio pacto. A busca por autonomia e o fim da dependência exterior (seja de Deus, do Rei ou da Tradição) é também o início de uma forte dependência em relação à matéria. A busca por autonomia leva, paradoxalmente, a um regime de heteronomia ditada pela compulsão na exploração do mundo natural. Para Charbonnier, este paradoxo nos leva ao problema central da crise ambiental e climática do presente.

É nesse sentido que o autor propõe a formação de uma nova abordagem teórico-metodológica chamada “história ambiental das ideias políticas”. Charbonnier acredita que “uma política ecológica se define por um compromisso com a melhor compreensão da formação e dissolução dessa polaridade, bem como pela capacidade dessa política de perceber seu esgotamento e buscar novas energias políticas” (Charbonnier, 2021, p. 29).

Primeiramente, essa história não se confunde com uma abordagem da história das ideias ambientais, tradicionalmente associada ao pensamento ambiental. Isto é, não se trata de fazer uma história do lento florescimento de uma ética ambiental (seja da história da conservação ou da crítica da razão instrumental em relação à natureza), tampouco uma história das origens da crise ecológica (história da industrialização ou da acumulação de capital). Em contraposição a um senso comum que pensa que a história política da natureza começa com a emergência de uma relação patológica com o ambiente natural, é preciso “fazer um esforço de descentramento para reconhecer que a história política da natureza começou antes da crise ecológica e que o conhecimento desse antes é indispensável para que as sucessivas mutações dessa história nos apareçam com clareza” (Charbonnier, 2021, p. 32).

Portanto, a história ambiental das ideias, diferentemente da história das ideias ambientais, tem como objetivo principal compreender historicamente como as dimensões da natureza foram integradas ao pensamento político. Ou seja, entender de que maneira o descobrimento de uma imensa porção de terra como o continente americano foi um evento decisivo que influenciou os conceitos de soberania e propriedade em pensadores como Hugo Grotius e John Locke. Ou então como a descoberta dos combustíveis fósseis, como o carvão, instigou conceitos como justiça social e tecnocracia industrial em Karl Marx e William Jevons. Desta maneira, ao compreendermos como as mutações da *história ambiental* (isto é, o descobrimento de novas possibilidades de recursos, como a terra, o carvão e o petróleo) influenciaram as *ideias políticas*, estaremos em melhor posição para entender o presente. Portanto, para Charbonnier, contar uma história ambiental das ideias políticas pode nos ajudar a refletir sobre como a mutação ambiental de hoje (crise climática e o fim do horizonte de terra infinita e energia abundante) influencia o surgimento de novas ecologias políticas para o século XXI.

Trata-se de uma abordagem teórico-metodológica inovadora e que tem duas diferenças em relação à história das ideias ambientais. A primeira diz respeito ao *corpus* da análise. Se o intuito da história das ideias ambientais é traçar a gênese de um pensamento ético ambientalista, então ela é geralmente marcada pelo exame de pensadores que compartilham de um mesmo ideal de simpatia com a natureza. A sua investigação, portanto, fica restrita a uma análise das ideias de “ambientalistas” – com o perigo de cairmos na armadilha do anacronismo. A história ambiental das ideias, por sua vez, abre o leque para a análise de qualquer tipo de pensador, haja vista que nesta abordagem o importante não é sua perspectiva ética sobre o mundo natural, mas sim compreender como a natureza é pensada para sustentar suas ideias políticas. Nesse sentido, a segunda diferença é a de que, enquanto há uma linha doutrinária “comum” na história das ideias ambientais, a história ambiental das ideias busca as transformações históricas que afetam a relação do natural e do social na história do pensamento: “Mais que a breve e contínua história da tomada de consciência ambiental, escreveremos, portanto, a história longa e cheia de rupturas das relações entre o pensamento político e as formas de subsistência, territorialidade e compreensão ecológica” (Charbonnier, 2021, p. 16).

Tendo em vista que o pacto entre abundância e liberdade é também um arranjo que se desdobra sobre a aliança entre crescimento econômico e participação democrática, o livro de Charbonnier é um convite para pensarmos a crise da democracia liberal junto com a crise ambiental. Ao mesmo tempo que há forças que puxam a política para um pós-desenvolvimento, há forças contrárias que apostam ainda mais em um desenvolvimento predatório. Charbonnier nos chama a atenção para como o Estado de bem-estar social do pós-guerra foi uma resposta do campo democrático para conter a volta do fascismo. Os Trinta Anos Gloriosos na Europa (1945-1975) foram justamente o resultado de uma política que apostou na abundância com o intuito de fortalecer a democracia e espantar os votos da autocracia. Atualmente, com a ascensão de um populismo autoritário de direita, o sinal começa a ser trocado.

Trump e Bolsonaro são políticos que mostram como a vontade de abundância está cada vez mais vinculada com uma política antiautonomia e antidemocrática. Para Charbonnier, o colapso do pacto moderno “provocou a fanatização de seus defensores mais virulentos, prontos a inventar verdades alternativas para salvaguardar seu significado” (Charbonnier, 2021, p. 249). Ou seja, para o filósofo, a aliança entre uma direita reacionária e autoritária e o negacionismo climático “é parcialmente explicada por essa longa história e por esses múltiplos desencontros entre o ideal de emancipação, na sua formulação típica do século XVIII, e suas condições geoecológicas” (Charbonnier, 2021, p. 244).

Charbonnier argumenta que para compreendermos a imensa energia política da direita hoje, é preciso levar em conta o contexto da crise climática e do desarranjo do pacto moderno que leva o eleitorado a buscar proteção em contexto de desamparo: “Como diria Bruno Latour, diante da constatação de que não existe mais um mundo capaz de acomodar o projeto de crescimento infinito da economia, seus defensores preferiram liquidar a ideia de um mundo comum a fim de construir ilusórios botes salva-vidas ideológicos” (Charbonnier, 2021, p. 242). Em outras palavras, diante o naufrágio de um longo pacto moderno que equacionou abundância e liberdade, começam a emergir ideologias negacionistas, populistas, reacionárias e nacionalistas que servem como tábuas de salvação perante um mar de incertezas.

Abundância e Liberdade é uma obra de viés acadêmico e que pode afastar o grande público. Não obstante, trata-se de um livro com conteúdo precioso e que vale a pena ser encarado por todos aqueles que gostam de história, filosofia, sustentabilidade e buscam um horizonte para o pensamento e a ação em tempos de crises ambientais e políticas.

Referências

CHARBONNIER, Pierre. *Abundance and Freedom: An Environmental History of Political Ideas*. Transl. by Andrew Brown. Cambridge: Polity Press, 2021. 328 p.

*Minicurrículo do Autor:

Klaus Ramalho von Behr. Mestre em Desenvolvimento Sustentável pela Universidade de Brasília (2022). Doutorando em Desenvolvimento Sustentável junto à Universidade de Brasília. Pesquisa financiada pela CAPES (Processo nº 88887.712207/2022-00). E-mail: klausbehr@gmail.com.

Avaliador 1: Gustavo Hessmann Dalaqua ;
Editora de Seção: Raissa Wihby Ventura .

Declaração de Disponibilidade de Dados

Uso de dados não informado; nenhum dado de pesquisa gerado ou utilizado.